



## SEÇÃO

# Dialetos e variações linguísticas do hebraico norte-israelita: uma análise a partir do livro bíblico de Juízes

*Dialects and Linguistic Variations from Northern Israelian Hebrew: an analysis from the biblical book of Judges*

*Dialectos y Variaciones Lingüísticas del Hebreo Norte-Israelita: una analice desde el libro bíblico de Jueces*

**Elcio Valmiro Sales de Mendonça<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0003-4813-0026](https://orcid.org/0000-0003-4813-0026)  
[elcio.mendonca@hotmail.com.br](mailto:elcio.mendonca@hotmail.com.br)

**Recebido em:** 12/10/2019.

**Aprovado em:** 27/3/2020.

**Publicado em:** 23/12/2020.

**Resumo:** O livro de Juízes condensa tradições regionais por meio de um rico intercâmbio de variações linguísticas que pode ser resgatado pela dialetologia. Este artigo teve por objetivo identificar, catalogar e analisar alguns dos múltiplos dialetos existentes no livro de Juízes. O avanço das pesquisas na área da linguística hebraica tem aberto caminhos para a identificação de dialetos, localização e datação de textos da Bíblia Hebraica, como é o caso das obras de Gary A. Rendsburg, William Schniedewind, W. Randall Garr, Ran Zadok, Nadav Naaman e Tania Notarius, os quais formam a base teórica desta pesquisa. O procedimento metodológico adotado aqui seguiu o método da pesquisa de Gary Rendsburg: distribuição, evidências extra bíblicas, oposição e concentração. A hipótese desta pesquisa propõe a existência de dialetos hebraicos norte-israelitas registrados nos textos do livro de Juízes, os quais podem ser identificados, catalogados e analisados seguindo os métodos desta pesquisa.

**Palavras-chave:** Dialetologia. Israel Norte. Paleo-hebraico. Bíblia Hebraica. Variações linguísticas.

**Abstract:** The book of Judges condenses regional traditions through a rich exchange of linguistic variations that can be rescued by dialectology. This article aims to identify, catalog and analyze some of the multiple dialects in the biblical book of Judges. The advancement of research in the field of Hebrew linguistics has paved the way for the identification of dialects, localization, and dating of texts in the Hebrew Bible, such as the works of Gary A. Rendsburg, William Schniedewind, W. Randall Garr, Ran Zadok, Nadav Naaman and Tania Notarius, which form the theoretical basis of this research. The methodological procedure adopted here followed Gary Rendsburg's research method: distribution, extra-biblical evidence, opposition, and concentration. The hypothesis of this research proposes the existence of North Israeli Hebrew dialects recorded in the texts of the biblical book of Judges, which can be identified, cataloged and analyzed following the methods of this research.

**Keywords:** Dialectology. Northern Israel. Paleo Hebrew, Hebrew Bible. Linguistic variations.

**Resúmen:** El libro de Jueces condensa las tradiciones regionales a través de un rico intercambio de variaciones lingüísticas que la dialectología puede rescatar. Este artículo tiene como objetivo identificar, catalogar y analizar algunos de los múltiples dialectos en el libro bíblico de Jueces. El avance de la investigación en el campo de la lingüística hebrea ha allanado el camino para la identificación de dialectos, localización y datación de textos en la Biblia hebrea, como las obras de Gary A. Rendsburg, William Schniedewind, W. Randall Garr, Ran Zadok, Nadav Naamán y Tania Notarius, que forman la base teórica de esta investigación. El procedimiento metodológico adoptado aquí siguió el método de investigación de Gary Rendsburg: distribución, evidencia extrabíblica, oposición y concentración.



<sup>1</sup> Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES), Santos, SP, Brasil.

La hipótesis de esta investigación propone la existencia de dialectos hebreos del norte de Israel registrados en los textos del libro bíblico de Jueces, que pueden identificarse, catalogarse y analizarse siguiendo los métodos de esta investigación.

**Palabras clave:** Dialectología. Israel Norte. Paleo-hebreo. Biblia Hebraica, Variaciones lingüísticas.

## Introdução

As pesquisas no campo do hebraico bíblico têm crescido de forma considerável no Brasil, principalmente, nas últimas duas ou três décadas. É possível encontrar uma variedade de gramáticas hebraicas<sup>2</sup>, dicionários de hebraico bíblico<sup>3</sup> e outros materiais sobre o tema em língua portuguesa, mesmo que a quantidade desses materiais seja ainda incipiente. Há também livros mais específicos sobre o Texto Massorético e a crítica textual da Bíblia Hebraica, como as obras de Edson de Faria Francisco, que produziu os volumes da obra *Antigo Testamento Interlinear Hebraico-Português (ATI)*<sup>4</sup>, e traduziu livros de estudiosos internacionais, tais como Emanuel Tov (FRANCISCO, 2008; TOV, 2015, 2019). Essas obras possuem valor para o estudo do hebraico bíblico de modo geral, apesar de não abordarem de forma mais específica alguns aspectos importantes da pesquisa bíblica, como as diferenças dialetais existentes no hebraico bíblico.

O livro de Juizes, texto que será estudado nesta pesquisa, faz parte da Obra Historiográfica Deuteronomista (OHD),<sup>5</sup> uma coleção que abrange os livros de Josué a 2Reis. A OHD foi compilada no período final da monarquia judaíta, entre os séculos VII e IV AEC (RÖMER, 2008, p. 54-55) e se fortaleceu no período pós-exílico. Entretanto, para Römer (2008, p. 94-95), apesar de o livro de Juizes fazer parte da OHD, ele é o que tem o menor número de passagens tipicamente deuteronomistas, sendo a maior parte do livro, composto por tradições nortistas anteriores ao século VIII AEC. Finkelstein (2015) concorda com Römer (2008) e diz que no livro de Juizes há muitas tradições e textos tipicamente nortistas. É

possível que a OHD carregue em seus textos os dialetos sulistas do hebraico judaíta, pois atualmente se faz a distinção entre textos nortistas e sulistas baseados na redação deuteronomista.

Tais pistas acerca da origem nortista das narrativas de juizes são significativas para esta pesquisa, mas não são suficientes para comprovar se de fato a maior parte do livro de Juizes é nortista, sendo, portanto, inconclusivas. Nesse sentido, a proposta desta pesquisa sobre os dialetos hebraicos pode trazer contribuições importantes e significativas sobre as origens das narrativas desse livro, suas histórias e as tradições do período inicial do reino de Israel Norte. Os aspectos linguísticos do hebraico de Juizes podem demonstrar a antiguidade do livro e suas raízes norte-israelitas. Todos os juizes do livro, por exemplo, são nortistas, exceto Otniel, que é judaíta. Analisar a narrativa sobre Otniel pode oferecer evidências de um hebraico judaíta, indicando ser um texto que foi, possivelmente, integrado ao livro de Juizes por editores deuteronomistas.

Em pesquisas passadas, o hebraico bíblico era dividido em pelo menos três períodos, conforme as diferenças de palavras e suas ocorrências nos textos: 1. período do hebraico arcaico (ou paleo-hebraico) (séc. XIII-X AEC); 2. período do hebraico pré-exílico ou hebraico clássico (séc. X-VI AEC); e 3. período do hebraico pós-exílico ou hebraico tardio (séc. VI-II AEC). Essas divisões podem ser vistas na obra de Sáenz-Badillos (2002). Nesse texto, o autor escreveu um longo estudo sobre os períodos da história da língua hebraica, desde os primórdios do hebraico arcaico até o hebraico moderno. Ele identifica verbos, substantivos, adjetivos, pronomes e preposições de cada período e como elas foram se modificando com o tempo. O interessante é que as ocorrências de muitos vocábulos, que ele classifica como hebraico pré-exílico ou paleohebraico, ocorrem, principalmente, no livro de Juizes, porém, ele não localiza os livros, apenas sugere uma datação mais antiga, em torno dos séculos XIII e X AEC.

<sup>2</sup> Veja KELLEY, 2004; HOLLENBERG-BUDGE, 1988; MENDES, 1981; GUSSO, 2005; ROSS, 2005; LAMBIDIN, 2003.

<sup>3</sup> Veja ALONSO SCHÖKEL, 1997; KIRST et alii, 2004; HOLLADAY, 2010; HARRIS, 1998.

<sup>4</sup> ATI: Antigo Testamento Interlinear Hebraico-Português (vols. 1, 2, 3 e 4).

<sup>5</sup> OHD: Obra Historiográfica Deuteronomista. A OHD é composta pelos seguintes livros: Josué, Juizes 1 e 2Samuel e 1 e 2Reis.

É muito interessante que cada juiz vem de uma área geográfica distinta dentro do território norte-israelita e há núcleos regionais em cada uma das narrativas. Dos doze juizes (salvadores) onze são de Israel Norte (efraimitas, benjaminitas, issacaritas, zebulonitas e gileaditas), apenas um é judaíta, Otniel (Jz 1.1-15; 3.7-11).<sup>6</sup> O hebraico israelita (e seus dialetos regionais) pode ser encontrado nas histórias dos juizes nortistas (RENDSBURG; NOEGEL, 2009). Por outro lado, também será possível identificar o hebraico judaíta nas narrativas dos primeiros capítulos do livro, as introduções e a história de Otniel, e de outras partes que também possam ser judaítas.

Temos um exemplo de dialetos hebraicos registrado no texto da Bíblia Hebraica, sendo o caso de Juízes 12.5-6. Nesse texto, temos a ocorrência de um conflito entre efraimitas (região da atual Cisjordânia) e os gileaditas (região centro-norte da atual Jordânia). No relato, é possível perceber que havia uma diferença na pronúncia de determinadas palavras. No texto, a palavra em questão é "espiga", que era pronunciada pelos gileaditas como *šibōlēt*<sup>7</sup> e pelos efraimitas como *sibōlēt*.<sup>8</sup> A diferença está na fonética da primeira letra, uma troca da letra š, palatal sibilante, pela letra s, dental-aveolar. Esse é um exemplo registrado no texto de diferenças dialetais entre o hebraico falado na região montanhosa de Efraim, oeste do Jordão, e o falado no planalto de Gilead, a leste do Jordão.

Esta pesquisa utilizará a metodologia da análise das variações linguísticas, a dialetologia. A dialetologia, segundo Cardoso (2016, p. 13), é um "ramo da Linguística que se ocupa da identificação e descrição dos diferentes usos de uma determinada língua, considerando a distribuição diatópica, os aspectos socioculturais e a cronologia dos dados". Assim, ela não deve ser utilizada para fins negativos ou pejorativos relacionados à linguagem (CHAMBEL; TRUDGILL, 2004), mas para a análise das diferentes formas de expressão

falada ou escrita de diferentes regiões e culturas.

Outra área bem próxima da dialetologia é a Linguística Textual, que surge tardiamente. Esta nova área da sociolinguística estuda a língua a partir dos textos (SILVA, 2016, p. 185). As evidências e variações linguísticas registradas em palavras selecionadas em textos de determinada época e cultura. Tais textos evidenciam o modo de pensar, refletem a cultura e o momento histórico em que foi escrito, bem como o conjunto lexical utilizado. É possível identificar nos textos as diferenças fonéticas, morfológicas e lexicais do registro da fala dentro de um texto.

Esta é uma pesquisa com fortes características interdisciplinares que busca trabalhar com métodos empíricos de saberes acadêmicos, dos quais fazem parte as disciplinas: Linguística, Arqueologia, História, Teologia e Ciências da Religião. Ela trará contribuições, principalmente, para os estudos da Bíblia Hebraica, e em especial, para a identificação das tradições, das origens das narrativas e da escrita em Israel Norte, seguindo de perto o trabalho do arqueólogo Israel Finkelstein (2003,2015), do epigrafista Christopher Rollston (2006,2010) e do hebraísta Gary Rendsburg (1990, 1993, 2002, 2009, 2012, 2013).

Desta forma, será possível reconstruir, num projeto maior, a geolinguística do hebraico bíblico, identificando os dialetos existentes no Reino de Israel Norte nas diferentes regiões que o compunham, como o platô de Benjamin, ao norte de Jerusalém, a região montanhosa de Efraim, atual região entre Ramalla e Nablus, Samaria (atual região de Nablus), Alta e Baixa Galileia e o planalto de Gilead (atual centro e norte da Jordânia).

As tradições textuais nortistas, através desta pesquisa, podem ser percebidas, anotadas e classificadas. Através das análises dialetais do hebraico bíblico é possível reconstruir parte da história de Israel Norte e Judá dos períodos pré e pós-exílio da Babilônia. Isto porque, por meio

<sup>6</sup> Total de juizes (salvadores) que aparecem no livro (12): 1. Otniel (1.1-15; 3.7-11, Judá); 2. Ehud (3.12-30, Benjamin); 3. Shamgar (3.31); 4. Débora – Barak (4.1-5.31, Efraim); 5. Gideão (6.1-8.35, Manassés); 6. Tolá (10.1-2, Issacar); 7. Jair (10.3-5, Gilead); 8. Jefe (10.6-12.7, Gilead); 9. Ibsan (12.8-10); 10. Elon (12.11-12, Zebulon); 11. Abdon (12.13-15, Efraim); 12. Sansão (13.1-16.31, Dan).

<sup>7</sup> O vocábulo *šibōlēt* ocorre três vezes na Bíblia Hebraica: Jz 12.6; Jó 24.24 e Sl 69.16. Pronúncia da região de Gileade, atual norte da Jordânia.

<sup>8</sup> O vocábulo *sibōlēt* ocorre uma vez na Bíblia Hebraica: Jz 12.6. Região de Efraim, atual território palestino, nas montanhas ao norte da atual cidade de Ramalla, Cisjordânia.

das pesquisas, as tradições originárias do Norte podem ser evidenciadas, como por exemplo: as tradições do Êxodo, a tradição de Jacó, a história positiva de Saul e dos reis de Israel Norte.

O livro dos Juízes condensa tal importante conjunto e intercâmbio de tradições e diferenças registrados no em seu texto. Devido à antiguidade de grande parte dos seus textos e a pouca influência da redação deuteronomista, faz-se possível identificar lexias e aspectos gramaticais típicos de Israel Norte, do chamado por Rendsburg como "hebraico israelita".

A epigrafia escrita no sistema alfabético paleo-hebraico também fornece informações importantes para o estudo dos dialetos hebraicos da Bíblia Hebraica, porque a epigrafia é um conjunto textual que reflete uma linguagem hebraica de sua própria época (séc. X-IV AEC). Assim, numa análise comparada dos textos bíblicos com as demais inscrições, estudos do paleo-hebraico e do hebraico samaritano (que é um desenvolvimento do paleo-hebraico) fornecem dados necessários para a análise dialetal do hebraico antigo registrado na Bíblia Hebraica, o Antigo Testamento cristão.

### 1 As pesquisas sobre dialetologia hebraica

Sobre a teoria geral da dialetologia cito a obra de Chambers e Trudgill (2004), que é um texto de referência sobre o tema. É uma obra teórica e lança as bases para análise e a compreensão sobre a temática. Os autores definem o conceito de dialetologia e trabalham pontos importantes para esta pesquisa, como a Geografia do dialeto, a Dialetologia, a Linguística e a Filologia, a diferença existente entre a Dialetologia e Sociolinguística, as fronteiras linguísticas etc. É uma obra que traz boas contribuições para lançar as bases da ciência linguística e da dialetologia.

Outro teórico relevante para estudar as variações linguísticas (área de Sociolinguística) é William Labov (1999, 2001, 2010). Labov foi um sociolinguista norte-americano que trabalhou as variações linguísticas existentes no inglês norte-americano, entre comunidades de negros e de brancos. Diferente de Saussure, que diz que

a língua é heterogênea, Labov diz que a língua é homogênea e que possui variações de acordo com a região geográfica, posição social e cultural de determinada comunidade. Ele mostrou que era preciso analisar a língua dentro da sociedade e da cultura, sem julgamentos de certo e errado, para não haver interferências externas na pesquisa. Labov trabalhou e aplicou seus métodos na língua falada, no inglês coloquial de sua época nos Estados Unidos. Neste artigo, seu método será adaptado para analisar a língua escrita, registros históricos de linguagem e variações linguísticas na epigrafia paleohebraica e na Bíblia Hebraica.

A Dialetologia, segundo Cardoso (2016, p. 13-14), é o ramo da Linguística que estuda os diferentes usos da língua considerando diversos aspectos, como a distribuição diatópica e a diastrática, ocupando-se tanto com as diferenças regionais dos falantes de determinada língua como com sua vivência sociocultural nos vários grupos sociais onde atua ou vive. Para Chambers e Trudgill (2004, p. 3), a dialetologia é o estudo do dialeto e dos dialetos, enfatizando sua pluralidade. Segundo os autores, dialeto é um termo utilizado para indicar diferentes formas de linguagem ou subdivisões de um determinado idioma.

Conforme Cardoso (2016), a dialetologia não se ocupa somente dos estudos sobre questões diatópicas, mas trabalha analisando também os fatores diastráticos, os quais também determinam as variações de determinada língua, juntando-se, desta forma, à Sociolinguística (MENDONÇA, 2018, p. 157).

A obra *Linguistic Evidence for the Northern Origin of Selected Psalms* (1990), de Gary Rendsburg, é a que apresenta de forma completa os seus métodos de pesquisa sobre as evidências dialetais do hebraico do Reino de Israel Norte. Segundo ele, os salmos selecionados por ele são composições que contêm evidentes influências do que seria o hebraico israelita, como, por exemplo, os salmos de Asaf (Sl 50, 73-83) e dos filhos de Qorá (Sl 42-49, 84-85, 87-88). Rendsburg segue em alguns aspectos a metodologia de Avi Hurvitz, dividindo sua abordagem em três grandes partes: 1. Distribuição; 2. Pesquisas extrabílicas; e 3. Oposição. Na parte "distribuição" Rendsburg faz um levantamento dos vocábulos do hebraico israelita que ocorrem nos livros onde aparecem histórias de Israel Norte. Depois, na parte "pesquisas extra-

bíblicas", ele analisa o material encontrado nas escavações arqueológicas, e na parte "oposição", ele faz comparações entre o hebraico israelita e o hebraico judaíta, opondo um ao outro e verificando as diferenças e similaridades do idioma. Essa metodologia será útil para esta pesquisa, porém, abordaremos, ainda, outros aspectos igualmente importantes, como a classificação dos dialetos, buscando identificar as linhas isoglossas do hebraico dos séculos IX e VII AEC.

A obra de William Schniedewind (2013) se propõe a estudar a história social do hebraico desde as origens até o período rabinico. Ele analisa as evidências arqueológicas e a epigrafia para propor uma datação para as origens da língua hebraica, que na opinião dele, surgiu, como língua escrita, entre o final do século X e o início do século IX AEC, tendo se desenvolvido durante o início do século VIII AEC. Schniedewind baseia parte de suas pesquisas em Labov, um sociolinguista norte-americano que desenvolveu a teoria das variações linguísticas, baseando-se no ambiente onde ocorre a comunicação. Isso contribuiu para o avanço das pesquisas na área da Bíblia Hebraica.

W. Randall Garr (2014) aborda os textos da Bíblia Hebraica no viés da geolinguística, fazendo o mapeamento da língua escrita de várias regiões da chamada "Terra Santa". Ele se baseia em três referenciais teóricos: Gotthelf Bergsträsser, Zellig Harris e Chaim Rabin. Nessa obra, o autor compara os idiomas da época (séc. X-VI AEC), tais como hebraico, fenício, amonita, moabita, sírio e gileadita com idiomas mais antigos, como o ugarítico e o cananita. Garr procura analisar todos os vocábulos dessas línguas com o objetivo de traçar uma geografia linguística de toda a terra que ele denomina de Palestina e Síria. Ele fornece muitas evidências que serão úteis para esta pesquisa e para pesquisas futuras, como para a produção do atlas linguístico da Bíblia Hebraica.

Na área da arqueologia e da história de Israel Norte, para o estudo da epigrafia, serão estudadas as obras de Israel Finkelstein (2001, 2015), Mario Liverani (2008) e Joseph Naveh (2004). Finkelstein

apresenta inovações nas pesquisas arqueológicas em Israel ao utilizar, na interdisciplinaridade da arqueologia, as ciências exatas para as análises dos artefatos encontrados em toda a parte norte de Israel. Através dos avanços da tecnologia do Carbono-14 em sítios como Tel Megiddo, ele propõe novas datações e uma baixa cronologia para a história do Israel antigo. Com isso, ele passa a valorizar a história de Israel Norte e volta sua atenção para as origens do hebraico, por causa das evidências epigráficas encontradas em todo o território de Israel, Palestina e Jordânia. Ele sugere que o hebraico teria se desenvolvido entre os séculos IX e VIII AEC, tendo surgido as primeiras composições nessa época.

Mário Liverani concorda parcialmente com Finkelstein, pelo menos no que se refere às origens de Israel e às origens da escrita, e escreveu uma obra intitulada *Para Além da Bíblia* (2008). Nessa obra, Liverani desenvolve sua pesquisa sobre a história de Israel a partir de uma visão histórica, analisando os textos bíblicos levando em conta a crítica textual e literária, as recentes pesquisas arqueológicas e as evidências epigráficas. A obra reserva dezenove páginas para comentar o "período dos Juizes" (2008, p. 355-374), e nessas páginas, Liverani estabelece a datação do livro de Juizes na época pós-exílica, no início do período persa, no século IV AEC. Para ele, as narrativas de Juizes representam uma realidade do período pós-exílico, época de repatriação e reocupação do território. Finkelstein contradiz tal argumento, afirmando que no livro de Juizes há tradições genuínas pré-exílicas, e algumas delas ainda do século IX AEC, durante o período da dinastia omrida, baseando-se nos achados epigráficos (em Samaria) e nas novas pesquisas a respeito das origens da língua hebraica.

Sobre a redação deuteronomista, temos a obra de Martin Noth (1993) e Thomas Römer (2008, 2016, 2016a, p. 109-133). Noth foi o fundador do novo método da Crítica da Forma durante a primeira metade do século XX, e foi também um dos primeiros a estudar a chamada Obra Historiográfica

Deuteronomista,<sup>9</sup> conhecida pela sigla OHD. Para ele, o deuteronomista não foi somente o redator da obra, mas seu próprio autor, construindo uma narrativa articulada desde Moisés até o exílio babilônico. Nessa obra, Noth faz um levantamento das origens do deuteronomismo, do livro do Deuterônomo e da OHD, tentando identificar seu autor ou autores, analisando e criticando teorias e estudiosos anteriores a ele. Para Noth, boa parte do livro de Juizes tem redação deuteronomista, apesar de reconhecer que o redator teria encontrado uma coleção reunida de narrativas antigas e trabalhado com ela. A partir disto, o redator teria escrito diversas partes do livro com a finalidade de unir os livros de Josué e 1Samuel, para que fosse formada uma história linear dos eventos.

Noth se tornou referência nos estudos sobre a história Deuteronomista e a OHD, de modo que, todos os estudiosos que vieram após ele utilizaram, de certa maneira, sua teoria, adotando-a ou criticando-a. Thomas Römer escreveu uma introdução à história deuteronomista a partir da análise sociológica, histórica e literária na obra *A Chamada História Deuteronomista* (2008). Ele fez um levantamento da história da pesquisa sobre o tema e aborda, principalmente, a teoria de Martin Noth, reservando-lhe várias páginas. Sobre a edição deuteronomica de Juizes há vários tópicos por todo o livro (2008, p. 14-15, 94-95, 137-138, 170-171). O tema central da obra é a OHD, a qual ele faz uma análise de um longo período de tradições deuteronomicas, desde o período assírio até o período persa, época pós-exílica. Na obra de 2010 e 2016, Römer analisa as origens de YHWH a partir da epigrafia e da iconografia, procurando trabalhar o texto em conjunto com a arqueologia. A importância da obra está na tese a respeito das origens de Israel Norte em torno do século IX AEC. Römer segue as pesquisas de Finkelstein, sobre onde teriam surgidas as primeiras epigrafias hebraicas em óstracos, pedras e jarros de cerâmica. Sobre o livro de Juizes, Römer menciona os textos que Noth atribuiu ao autor deuteronomista, são eles:

Jz 2.6-11,14-16,18-19 e 3.7-11. Outros textos eram tradições mais antigas que receberam retoques deuteronomistas, como teria sido o caso de Juizes 3.12-15a; 4.1-5,31; 6.1.6b-10; 8.27-35; 10.6-16 e 13.1. Os capítulos 13-21 teriam sido, provavelmente, acrescentados mais tarde, talvez no período pós-exílico (RÖMER, 2010, p. 288).

## 2 Alguns exemplos de dialetos hebraicos na Bíblia Hebraica

É importante, antes de analisar os textos bíblicos hebraicos, fazer uma distinção entre as evidências dialetais e variacionistas do hebraico do livro de Juizes, já que existem, em tal escrito bíblico, diferenças dialetais e variações linguísticas (BLAU, 2010, p. 1-14; GESENIUS, 1910, p. 1-17; JOÜON; MURAOKA, 2009, p. 1-11). As diferenças dialetais são os usos de palavras diferentes (diferenças lexicais) para se referir às mesmas coisas em diferentes contextos. As variações linguísticas se propõem a analisar as diferenças fonéticas e morfológicas das palavras, alterando a forma como se pronuncia em determinados lugares.

### 2.1 Variações linguísticas na Bíblia Hebraica

Podemos encontrar exemplos de variações linguísticas e dialetais na literatura bíblica e extrabíblica (epigrafia: inscrições em cerâmica, pedras ou pergaminhos). Um exemplo dessas diferenças na epigrafia extrabíblica pode ser encontrado nos óstracos de Samaria e nos óstracos de Tel Arad, uma fortaleza ao sul de Judá. O lexema "vinho" foi grafado nos óstracos de Samaria como *yēn* ou *yan* (*yn*). Essa forma de escrita da palavra "vinho", que é atestada em Samaria no século VIII AEC, também ocorre no vocábulo ugarítico *yn*, cuja pronúncia pode ser *yan* ou *yēn* (OLMO LETE; SANMARTÍN, 2003, p. 968-969; SCHNIEDEWIND, 2007, p. 193). Tal grafia aparece nos óstracos de Samaria números 1, 3-14, 26, 44, 53, 54, 62 e 69, indicando um dialeto do hebraico israelita do Reino de Israel Norte, entre o final do século IX e meados do século VIII AEC. Entretanto, nos óstracos de Tel Arad, entre o final do século VIII

<sup>9</sup> A Obra Historiográfica Deuteronomista é um conjunto de livros bíblicos que contém em seus conteúdos influência da teologia e da ideologia do livro do Deuterônomo. A OHD é composta pelos seguintes livros: Josué, Juizes, 1 e 2 Samuel e 1 e 2 Reis.

e o início do século VII AEC, a palavra "vinho" aparece grafada como *yayîn* (com duplo *y*), indicando um dialeto próprio do hebraico judaíta (REISNER, 1920, p. 31; SCHNIEDEWIND, 2013, p. 90; SÁENZ-BADILLOS, 2002, p. 65).

Na literatura bíblica também temos exemplos de variação linguística, que podem ser percebidos no hebraico israelita no livro de Juizes, como, por exemplo, a palavra *middîn* (vestimentas), que ocorre em Juizes 5.10. Essa palavra está na forma plural masculina, porém, não possui a terminação plural normativa hebraica *îm* (*ym*), terminando com *în* (*yn*). A forma do substantivo masculino plural terminado em *în* (*yn*) é típica o aramaico antigo (ROZENTHAL, 1961, p. 30-31), por exemplo: *banîn* (filhos), *yômîn* (dias) e *rešîn* (cabeças, inícios, começos). No fenício, segundo Garr (1985, p. 79-90), também existem casos de substantivos masculinos plurais terminarem em *în* ou *n*, como: *qdšn* (separados, santos).

Outra característica que, segundo Rendsburg (1990, p. 40-41), é inquestionavelmente de origem nortista são os casos de duplicação dos plurais, como ocorre em Juizes 5.14 com a palavra *âmā-meykâ* (teus povos), em que há a duplicação a letra *mem* da palavra *am* (povo). Esta duplicação também pode ser vista em Juizes 5.15 *hiqêqê* (decisões de), nesse caso houve a duplicação da letra *qof* do plural construído da palavra *hoq* (decisão).

## 2.2 Dialeto hebraico na Bíblia Hebraica

No hebraico israelita consta, além da palavra *yan* (*yn*), outra palavra própria para denotar "vinho", que é a palavra *tirôš* (vinho, mosto, vinha). O vocábulo ocorre em Juizes 9.13 e, também, em outros livros bíblicos (que apresentam tradições nortistas), assumindo sentidos diferentes, conforme a ocorrência em textos pós-exílicos, como é o caso, por exemplo, de 2 Crônicas (31.5; 32.28) e Neemias (5.11; 10.38,40; 13.5,12).

Outro exemplo relevante encontrado nos óstracos de Samaria é a palavra *bšt* (*bšat*, no ano), que na Bíblia Hebraica aparece como *bšnh* (*bšanah*, no ano) (1Rs 10.25; 14.25; 2Rs 18.1). Há as ocorrências do lexema *št* (*šat*) que aparece em inscrições da Transjordânia, como o caso da

Estela de Mesha, e em Samaria, nos óstracos de Samaria, ambos datados entre o século IX e VIII AEC. O vocábulo *št* também aparece em inscrições fenícias do mesmo período (HARRIS, 1936, p. 107, 154). Entretanto, em Judá, nos óstracos de Tel Arad, temos a ocorrência da palavra "ano" como *šnh* (*šanah*), sendo semelhante à que ocorre nos textos da Bíblia Hebraica. Isto indica que existiam, pelo menos, duas maneiras de se pronunciar o vocábulo "ano": em Israel Norte e na Transjordânia (região de Moab) era falado como *št* e em Judá, na região sul, era pronunciado como *šnh*. Assim, é possível analisar o dialeto falado em Samaria utilizando o vocabulário encontrado nos óstracos de Samaria, fazendo comparação com o texto hebraico do livro de Juizes. Esse é um dos muitos casos que podem ser encontrados nos materiais extrabíblicos dos séculos IX e VII AEC (MENDONÇA, 2018, p. 156-171).

Um exemplo típico de tal situação linguística, é o uso da preposição *-še* ou *-ša* do hebraico israelita (Jz 5.7 (2x); 6.12; 7.12; 8.26) em contraposição à preposição *āšer*, "que" que ocorre predominantemente em textos compostos no hebraico judaíta. Tal preposição *še* ocorre em textos bíblicos de origem nortista, como Qohelet (Eclesiastes), Cântico dos Cânticos, 1 e 2 Reis e vários salmos (exemplo: Sl 133.2-3). Porém, é considerada uma preposição pós-exílica por Sáenz-Badillos (2002), mas com ocorrência predominantemente em textos de origem nortista.

Como último exemplo desse tópico, temos a palavra *qardum* (*qrdm*, machado). Essa palavra ocorre em Juizes 9.48 e é tipicamente norte-israelita, pois só aparece em textos nortistas da Bíblia Hebraica (1Sm 13.20,21; Sl 74.5; Jr 46.22). O vocábulo também ocorre nos textosugaríticos (KTU 1.3:III:14; KTU 1.5:II:18) como um dos epítetos de Ba'al, *'al'iy qrdm* (machado poderoso, herói poderoso) (RAHMOUNI, 2008, p. 49-52). Diferente dos textos judaítas, que utilizam a palavra *garzen* (machado), como aparece nos seguintes textos bíblicos: Dt 19.5; 20.19; 1Rs 6.7 e Is 10.15.

## Considerações finais

O estudo dos dialetos hebraicos é recente e ainda pouco explorado. Há muito trabalho para

ser feito, pois a pesquisa ainda está em estágio inicial. Este artigo pretendeu sinalizar a existência de tais dialetos nos textos da Bíblia Hebraica, tendo por base o livro de Juízes.

Assim, o tipo de hebraico do período clássico se diferencia e muito do hebraico das fases posteriores (rabinico, medieval e moderno), porque possuía características próprias e influências das línguas vizinhas, como o fenício e o aramaico. Entretanto, temos centenas de testemunhas textuais registradas em óstracos e papiros antigos que podem nos fornecer um banco de dados suficiente para trabalhar nas análises dos verbetes.

Esta pesquisa mostrou que no livro de Juízes pode-se perceber a existência de um tipo de hebraico falado em Israel Norte, chamado de hebraico israelita, que se diferencia do tipo de hebraico falado no Sul, chamado de hebraico judaíta. Percebemos que o hebraico no Norte tinha muita influência da língua fenícia, que influenciou também o tipo de hebraico/aramaico falado em Amom e em Moab.

Percebemos também, pelo registro textual de uma diferença dialetal do hebraico no uso da palavra "espiga", que era pronunciada de maneiras distintas em Galaad e em Efraim, o que mostra que havia diferença também na fonética de algumas palavras e algumas letras, como a letra *šin* "ch" ou "sh" com som de *šin* "s". Isto mostra que havia tanto diferenças dialetais quanto variações linguísticas nas formas do hebraico falado em regiões diferentes na época bíblica.

O estudo dos dialetos da Bíblia Hebraica e das variações linguísticas do hebraico do período bíblico pode trazer contribuições significativas para a pesquisa e a exegese bíblica. Dizemos isto, porque ao analisar os dialetos a partir da análise mais ampla, a partir da comparação de várias fontes textuais da época, é possível identificar as localizações geográficas de determinadas palavras e seus usos, de forma que seja possível encontrar os regionalismos do hebraico do período bíblico.

No caso deste artigo, com os métodos de análise de dialetos e de variações linguísticas aplicado nos textos bíblicos hebraicos, forne-

ceram bons subsídios para iniciar um projeto de pesquisa de longo alcance, partindo do estudo da regionalidade dos textos (palavras frases e sintaxe) e da comparação com fontes extrabíblicas. Foi possível identificar no livro de Juízes algumas evidências de dialetos tipicamente nortistas, o que torna possível o estudo das diferenças entre o hebraico israelita e o hebraico judaíta. De fato, o livro de Juízes possui indícios de redação nortista, embora tenha sofrido certa influência das redações deuteronômistas posteriores à queda do Reino de Israel Norte.

## Referências

ALEPPO CODEX. Disponível em: [www.aleppocodex.org](http://www.aleppocodex.org). Acesso em: 25 nov. 2018.

ALiB – Projeto Atlas Linguístico Brasileiro. Disponível em: <https://alib.ufba.br/>. Acesso em: 25 nov. 2018.

ALONSO-SCHÖKEL, Luis. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. Trad. Ivo Storniolo; José Bortolini. São Paulo: Paulus, 1997.

BIRAN, Avraham; NAVEH, Joseph. The Tel Dan Inscription: A New Fragment. *Israel Exploration Journal*, Jerusalem, v. 45, n. 1, p. 1-18, 1995.

BLAU, Joshua. *Phonology and Morphology of Biblical Hebrew: An Introduction*. Linguistic Studies in Ancient West Semitic 2. Winona Lake: Eisenbrauns, 2010, p. 1-14.

CARDOSO, Suzana Alice et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Vol.1. (Introdução). Londrina: EDUEL, 2014.

CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice. Dialetologia: trilhas seguidas, caminhos e perseguir". *Delta – Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 17, n. Esp. p. 25-44, 2001. <https://doi.org/10.1590/S0102-44502001000300003>

CARDOSO, Suzana Alice. *O Léxico Rural: glossário, comentários*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2000.

CARDOSO, Suzana Alice. Sociolinguística e Diatopia: empréstimos no português do Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 20, p. 139-161, 1991.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DAVILA, James R. Review of Fredericks, *Qoheleth's Language: Re-evaluating its Nature and Date*. *JAOS* 111, p. 821-824, 1991. <https://doi.org/10.2307/603433>

DAVILA, James R. Qoheleth and Northern Hebrew. *Maarav* 5-6, p. 69-87, 1990. (Segert Festschrift).

- ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (ed.). *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- FINKELSTEIN, Israel. *O Reino Esquecido: Arqueologia e História de Israel Norte*. Trad. Silas Klein Cardoso; Elcio Valmiro Sales de Mendonça. Coleção Bíblica. São Paulo: Paulus, 2015.
- FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. *The Bible Unearthed: archaeology's new vision of ancient Israel and the origin of its Sacred Texts*. New York: The Free Press, 2001.
- FRANCISCO, Edson de F. *Manual da Bíblia Hebraica: Introdução ao Texto Massorético – Guia Introductório para a Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- GESENIUS, Wilhelm; KAUTZSCH, Emil; COWLEY, Arthur E. *Gesenius' Hebrew Grammar*. 2. ed. Oxford: Clarendon Press, 1910. p. 1-17.
- GARR, W. Randall. *Dialect Geography of Syria-Palestine 100-586 B.C.E.* Indiana: Eisenbrauns, 2004.
- GORDON, C. H. North Israelite Influence on Postexilic Hebrew, *IEJ* 5, 1955, p. 85-88.
- HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Trad. Márcio L. Redondo; Luiz A. T. Sayão; Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- HOLLADAY, William. *Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento*. Trad. Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- KAEFER, José Ademar. *A Bíblia, a Arqueologia e a História de Israel e Judá*. São Paulo: Paulus, 2015.
- KAUFMAN, The Classification of the North West Semitic Dialects. *S/D*, p. 55-56.
- KELLEY, Page H. *Hebraico Bíblico: uma gramática introdutória*. 5. ed. Trad. Marie Ann Wangen Krahn. São Leopoldo: Sinodal, 1998.
- KELLEY, Page H.; MYNATT, Daniel S.; CRAWFORD, Timothy G. *The Masorah of the Bíblia Hebraica Stuttgartensia: Introduction and Annotated Glossary*. Grand Rapids-Cambridge: Eerdmans, 1998.
- KIRST, Nelson et alii. *Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português*. 18. ed. São Leopoldo-Petrópolis: Sinodal-Vozes, 2004.
- KOCH, Ingedore Villaça. *O Texto e a Construção dos Sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.
- KOCH, Ingedore V.; FÁVERO, L. *A Linguística Textual: introdução*. São Paulo: Cortez, 1983.
- LABOV, William. *Principles of Linguistic Change*, vol. 03. Cognitive and Cultural Factors. Massachusetts: Wiley-Blackwell Publishers, 2010. <https://doi.org/10.1002/9781444327496>
- LABOV, William. *Principles of Linguistic Change*, vol. 02. Social Factors. Massachusetts: Wiley-Blackwell Publishers, 2001.
- LABOV, William. *Principles of Linguistic Change*, vol. 01. Internal Factors. Massachusetts: Wiley-Blackwell Publishers, 1999.
- LAMBDIN, Thomas O. *Gramática do Hebraico Bíblico*. Trad. Walter Eduardo Lisboa. São Paulo: Paulus, 2003.
- LANOIR, Corinne. Juizes. In: RÔMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe (org.). *Antigo Testamento: história, escritura e teologia*. Trad. Gilmar Saint Clair Ribeiro. São Paulo: Loyola, 2010. p. 322-337.
- LIVERANI, Mario. *Para Além da Bíblia: história antiga de Israel*. 2.ed. Trad. Orlando Soares Moreira. São Paulo: Paulus-Loyola, 2014. p. 81-230, 375-392.
- MENDONÇA, Elcio V. S. A Dialetologia e os Estudos da Bíblia Hebraica. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 9, p. 156-171, 2018.
- MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2015.
- NOTH, Martin. O Deuteronomista 1943-1993: 50 anos de crítica autoral. Trad. Caetano Minette de Tillese. *Revista Bíblica Brasileira*, Nova Jerusalém, ano 10, n. esp. 1993.
- RAHMOUNI, Aicha. *Divine Epithets in the Ugaritic Alphabetic Texts*. Handbook of Oriental Studies. Section One. The Near and Middle East. Leiden/Boston: Brill, 2008. <https://doi.org/10.1163/ej.9789004157699.i-450>
- RENDSBURG, Gary A.; NOEGEL, Scott B. *Solomon's Vineyard: Literary and Linguistic Studies in the Songs of Songs*. Ancient Israel and Its Literature. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2009.
- RENDSBURG, Gary A. Diglossia: Biblical Hebrew. In: KHAN, Geoffrey et alii (ed.). *Encyclopedia of Hebrew Language and Linguistic*. Vol. I. A-F. Leiden/Boston, Brill, 2013, p. 724-425.
- RENDSBURG, Gary A. Northern Hebrew Through Time: From the Song of Deborah to the Mishnah. In: MILLER-NAUDE, Cynthia; ZEVIT, Ziony. *Diachrony in Biblical Hebrew*. Linguistic Studies in Ancient West Semitic. vol. 8. Indiana: Eisenbrauns, 2012. p. 339-359. <https://doi.org/10.5325/j.ctv18r6r7n.22>
- RENDSBURG, Gary A. A Comprehensive Guide to Israelian Hebrew: Grammar and Lexicon. *Orient*. Vol. XXXVIII. 2003. p. 05-35.
- RENDSBURG, Gary A. *Israelian Hebrew in the Book of Kings*. Bethesda, Maryland: CDL Press, 2002.
- RENDSBURG, Gary A. The Dialect of the Deir 'Alia Inscription. *Bibliotheca Orientalis L.*, n. 3/4, mei-juli, p. 309-330, 1993.
- RENDSBURG, Gary A. The Northism Origin of Nehemiah 9. *Biblica*. [S. l.], v. 72, f. 3, p. 348-366, 1991.
- RENDSBURG, Gary A. *Linguistic Evidence for the Northern origin of Selected Psalms*. The Society of Biblical Literature. Monograph Series. Number 43. Atlanta: Scholars Press, 1990.
- RENDSBURG, Gary A. Diglossia in Ancient Israel (N. 4) 169. New Haven: American Oriental Society, 1990a.

ROBERTO, Mikaela. *Fonologia, Fonética e Ensino: guia introdutório*. São Paulo: Parábola, 2016.

ROBERTSON, David A. *Linguistic Evidence in Dating Early Hebrew Poetry*. Missoula, Montana: Society of Biblical Literature, 1972.

RÖMER, Thomas. *A Origem de Javé: o Deus de Israel e seu Nome*. Trad. Margarida Maria Cichelli Oliva. São Paulo: Paulus, 2016.

RÖMER, Thomas. *A Chamada História Deuteronomista*. Trad. Gentil Avelino Tilton. Petrópolis: Vozes, 2008.

RÖMER, Thomas; MACHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe (org.). *Antigo Testamento: história, escritura e teologia*. Trad. Gilmar Saint Clair Ribeiro. São Paulo: Loyola, 2010.

ROSENTHAL, Franz. *A Grammar of Biblical Aramaic: Porta Linguarum Orientalium, Neue Serie V*. Weisbaden: Alle Rechte Vorbehalten, 1961.

SÁENZ-BADILLOS, Angel. *A History of the Hebrew Language*. Trad. John Elwolde. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. <https://doi.org/10.1017/CBO9781139166553>

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Trad. Antonio Chelini; Jospe Paulo Paes; Izidoro Blinkstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHNIEDEWIND, William M. *A Social History of Hebrew its Origins through the Rabbinic Period*. The Anchor Yale Bible Reference Library. Yale University Press, 2013. <https://doi.org/10.12987/yale/9780300176681.001.0001>

SILVA, Vera Paredes. Sociolinguística e Texto. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 13-22.

THOMPSON, John A. *A Bíblia e a Arqueologia: quando a ciência descobre a fé*. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Cristã, 2007. p. 137-208.

TOV, Emanuel. *Crítica Textual da Bíblia Hebraica*. Trad. Edson de Faria Francisco. Niterói: BV Books, 2017.

WALTKE, Bruce K.; O'CONNOR, M. *Introdução à Sintaxe do Hebraico Bíblico*. Trad. Fabiano Antonio Ferreira; Adelemer Garcia Esteves; Roberto Alves. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

---

## Elcio Valmiro Sales de Mendonça

Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), em São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil; professor na Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES), em Santos, São Paulo, Brasil, e na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), em São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil.

---

## Endereço para correspondência

Elcio Valmiro Sales de Mendonça  
Universidade Metropolitana de Santos  
Unimes Virtual, Graduação em Teologia  
Av. Conselheiro Nebias, 536  
Encruzilhada, 11045-002  
Santos, SP, Brasil